



O DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão : Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

Despertamento e Oração

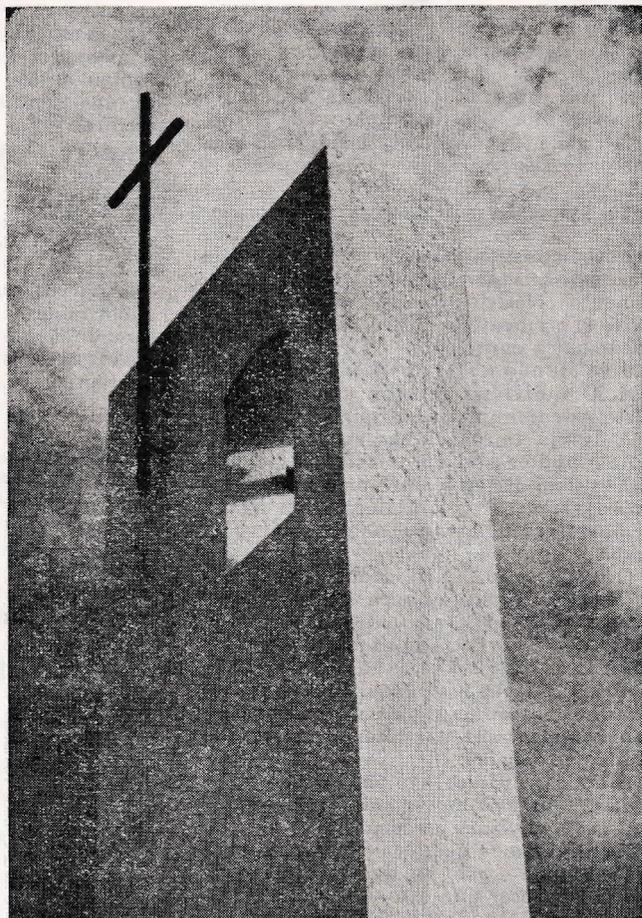
DIZ-NOS S. Marcos, que em dada ocasião, os discípulos mostraram-se impotentes para libertar certo rapaz do mal que o dominava. Nosso Senhor chegou entretanto, e no mesmo momento curou o pobre moço. Quando ficaram sós, os discípulos perguntaram: «Por que não pudemos nós expulsar aquele espírito mau»? Respondeu-lhes Jesus: «Esta casta não pode sair senão por meio de oração» («e de jejum»), acrescentam certos manuscritos antigos neste passo).

Podemos estar certos de que o «demónio» pior e mais frequente, a iludir e escravizar os cristãos é o espírito de **apatia**. E é também uma «casta de demónio» que só se pode expulsar pela Oração.

Esta Oração contudo é mais do que o simples recitar de algumas orações diárias rotineiras: não que estas não tenham também grande valor, tanto em si, como pelo que representam de lem-

brança de Deus e até de comunhão com a Igreja, se se trata de orações dos Ofícios litúrgicos.

Porém todos, clérigos e leigos, além da prece litúrgica, carecemos daquele tipo de oração, em que tudo o que somos se empenha e integra. E' a oração que implica regular, metódica e persistentemente o reconhecimento, confissão e detestação dos nossos pecados e imperfeições, à luz do que Deus nos revela na Sua Palavra, e a dádiva total do nosso ser inteiro a Deus, e ao nosso próximo por amor de Deus.



A Torre da igreja de Aldecer do Sal

EDITORIAL

A Igreja Lusitana acaba de consagrar ao culto um novo templo, no limiar duma das maiores províncias de Portugal, o Alentejo.

Esta notícia parece natural na história dum movimento que se afirma. É um sinal óbvio duma Igreja que vive.

Um novo templo se ergue, sempre que há um grupo organizado que necessita de um lugar para os seus cultos. De facto é secundário a um crescimento já efectuado. É simplesmente a concretização material dum novo centro.

No entanto, se, na simples construção dum templo, não existe em si transcendência especial, algo há porém que deve ser sublinhado a propósito desta consagração.

A Igreja Lusitana, perdida por vezes na multiplicidade das Igrejas chamadas livres, oponentes à Igreja dominante, poderia parecer aos olhos de muitos, que a sua acção caracterizadamente tradicional, se diluía sob este aspecto no conjunto reformista comum. E isto não é bem assim.

A nossa mensagem para o País é uma mensagem de Fé Cristã de acordo com as determinantes históricas do povo português. Procurando esclarecer a sua Fé e libertá-lo de superstições e crediceo, pregamos a Cristo na concepção católica da Igreja primitiva do berço da nacionalidade, a Lusitânia, que o povo sente bem, no fundo da sua alma crente.

O facto da Igreja Lusitana se expandir, irrompendo no Alentejo, mostra certamente que pode satisfazer as aspirações religiosas da nossa gente, e lhe administrar o alimento espiritual de que precisa, indo ao encontro das suas necessidades anímicas. É esta certeza que nos dá a força para continuar e a virtude para não desfalecer. Avante pois, e que todos sintam o dever de se unir forte e decididamente ao redor dos que neste momento, clérigos e leigos, têm a responsabilidade da expansão da Igreja Lusitana.

(Continua na página 8)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Expansão da Igreja

A Igreja Lusitana foi recebida como membro associado do Conselho Mundial das Igrejas. Esta notícia já é do conhecimento geral, mas parece todavia não ter sido tomada no seu verdadeiro significado.

Desde o início do movimento ecuménico que sentimos, então com quase todas as denominações, a sua importância perante as dificuldades da expansão do Evangelho em Portugal. Ainda que não tivéssemos perdido o contacto e mantivéssemos sempre trabalhos em comum, como a Comissão Intereclesiástica Portuguesa, a Aliança Evangélica Portuguesa (presentemente união de indivíduos, mas que tem procurado resolver certos problemas comuns das Igrejas), e de termos entrado já em conversações prévias para uma possibilidade dum Conselho Nacional das Igrejas, o facto é que, no desenvolvimento individual de cada Igreja em Portugal, a Igreja Lusitana, sem detrimento de quaisquer outras iniciativas que nos aproximem cada vez mais uns dos outros no campo nacional, achou conveniente uma representação directa no Conselho Mundial das Igrejas.

Assim poderemos cooperar mais directamente com as Igrejas de outros países, e não nos vermos isolados do Mundo como até aqui, factor indispensável à expansão da Igreja, num sentido cada vez mais católico. E em nós foi esta a razão que nos impeliu a pedir a nossa entrada no C. M. I.

«... Unam et Sanctam»

No intervalo entre as duas guerras, Stratford Cripps, interrogado pelo ainda jovem Gaiskell, há pouco falecido, sobre qual seria a solução óptima para o Mundo, aquele estadista inglês, um dos génios mais exuberantes do povo britânico, não hesitou em responder, com uma convicção que perturbou o estreante político trabalhista, que a única solução que antevia para o Mundo era a união das Igrejas.

Mais não nos disse o jornalista do «Observer», que nos conta este episódio. E não sabemos também se Stratford Cripps alguma vez desenvolveu esta ideia. Mas pensamos nós: É aqui, é neste princípio básico que deverá assentar a arquitectura do Mundo do futuro. Os homens de boa vontade encontrarão numa Igreja liberal, tolerante, humilde e sofredora, firme na doutrina, mas respeitante das tradições das comunidades nacionais, «una et sancta», o fulcro moral da resolução dos problemas intrincados das sociedades humanas na luta desesperada pela existência.

Certamente que o futuro não está no racionalismo. Todas as iniciativas e programatizações materialistas por melhores sistemas que a razão humana só por si possa conceber, cairão como baralho de cartas, se os homens não considerarem a força espiritual do Evangelho, a doutrina do Amor por excelência.

Mas como é que uma Igreja desunida os poderá orientar?

Paulo Agostinho

Valorização do Esforço

Dizia Antero, no fim de tantas lutas por um ideal de beleza e de justiça, mas sem nunca ter encontrado o fulcro onde dinamizar o plano da obra que tentara: «a verdadeira vida do homem é a acção dum grande causa».

Mas quais são as grandes causas? Como defini-las? Poderemos dizer que as causas sagradas são todas as que tomam em linha de conta o presente eterno, a Existência sem relação com o tempo e com o espaço.

E como agir? A acção só pode ser valorizada por uma fé nos destinos do Mundo colocados na mão de Deus, e na confiança do Seu grande Amor pela Humanidade. E a força necessária para vencer os obstáculos, capaz de remover as montanhas, está na integração total da acção, no plano divino. «Venha a nós o Teu Reino. Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu».

Como apresentar a Mensagem de Cristo

Acabámos de percorrer vários países da Europa e ter tomado contacto com o movimento eclésico de cada um. Em toda a parte é premente a dificuldade da Igreja em tomar a consciência da rápida evolução do Mundo no plano económico e social. O indivíduo procura um equilíbrio justo na comunidade em que vive.

A Igreja imutável nas suas doutrinas num Mundo assim em constantes modificações, tem de ter sempre uma linguagem acessível, adaptável à dialéctica em uso, e demonstrar que compreende as aspirações justas dos povos.

O Papa João XXIII aceitou bem esta concepção realista e nunca deixou de estar em contacto permanente com a vida de todos os dias, visitando as cadeias, as paróquias da sua diocese, as famílias, etc., etc. E é natural que assim seja. Será, possível fazermos-nos entender como cristãos, se não conhecermos a realidade em que o Mundo se debate?

A Igreja Lusitana não pode ficar indiferente a todo este movimento de ideias que agita as sociedades modernas.

Tem igualmente de verificar esta evolução rápida e não se deixar atrazar de modo a parecer que é o século que está a puxar por ela, e não ela que toma a dianteira. Tem de enfrentar, e saber enfrentar, as novas gerações que não hesitam em relacionar o racionalismo agnóstico com a ideologia cristã. Mesmo que isso choque a alguns, não é fugindo do Mundo e isolando-nos que o esclarecemos: É aceitando o seu repto.

É frente a frente, lealmente, que poderemos fazer respeitar as doutrinas eternas. Cristo contactou com publicanos e pecadores. Deu-nos o exemplo de como é que se pode contactar com o Mundo, falando-lhe a linguagem chá, simples, natural e mantendo-nos fiéis. Os que naquele tempo habitavam as terras da Judeia, certamente nunca tiveram dificuldade em O

compreender. E se não O aceitaram foi porque não O quiseram! «Aqueles que são Meus, ouvem a Minha voz».

Ser ou não ser...

O «ecumenismo» de iniciativa protestante, e generalizado a ortodoxos e a outros foi originado pelo desencontro no campo missionário, devido à multiplicidade de denominações.

A este movimento ecuménico deve-se o avivamento da noção de catholicidade da Igreja, que se estava perdendo, um melhor entendimento entre cristãos, uma mais bem orientada acção de conjunto e um sentido prático de fraternidade, em que todos se sentem mais irmãos, filhos do mesmo Pai. As Igrejas mais humildes e pequenas têm recebido das mais desenvolvidas, amparo e ajuda, procedimento que anteriormente se desconhecia.

Pois apesar de todo este clima de respeito mútuo sem compromissos, e de estar desaparecendo pela consciência das humanas imperfeições, o ar sofisticado dos que se julgavam os únicos depositários da verdade absoluta, apesar do componente valioso da ajuda mútua, apesar de toda esta boa vontade que podia gerar uma homenagem de gratidão de todos os que usufruem tais benefícios, nada deste «pequeno» sentimento acontece em alguns sectores.

Reservas sobre reservas, dúvidas sobre dúvidas, reticências sobre reticências, sem se considerar que qualquer obra que começa, tem de se completar à custa da sua própria experiência. A pedra de toque é a sinceridade, a fidelidade ao Evangelho, que não deixa a obra desviar-se. E ninguém pode acusar o C. M. I., nem ao de leve, de menos idealista e sincero, nem de menos ortodoxo nos princípios básicos do cristianismo católico.

Ser ou não ser! Ou temos uma mente aberta a todo o esforço ecuménico, beneficiando-lhes as vantagens, e dando-lhe o melhor da nossa cooperação, ou então, com toda a liberdade, fechemo-nos na cidadela que escolhemos na crença de que toda a união é indesejável ou impossível, com o que ninguém tem nada com isso! Só lamentamos é que definam duma forma equívoca a sua escolha! É só!

BISPO BARBIERI

Mais uma vez tivemos a boa visita do bispo Barbieri da Igreja Metodista da Argentina, professor ilustre, pregador notável e escritor de relevado mérito. Foi um dos presidentes do Presidium anterior do C. M. I., cargo de responsabilidade no mundo cristão de hoje, em crescente evolução ecuménica.

As suas visitas ao nosso País são sempre motivo de grande interesse. As suas lições valiosíssimas pela originalidade dos seus conceitos sobre a doutrina do Evangelho de Cristo, sobre a vida do homem cristão, revelam-nos, a par duma cultura vasta, dum saber feito de meditação, a integridade da sua Fé no seu mais puro sentido evangélico.

As suas passagens por Portugal são rápidas. Como seria útil e bem proveitoso que, numa mais demorada estadia, pudesse dirigir um pequeno curso teológico. Quantos beneficiariam! Todos os que desejam aprofundar os seus conhecimentos da Verdade revelada, certamente estariam presentes.

A custa de quem

Rev. dr. Daniel de Pina Cabral

As sociedades humanas são normalmente expansivas, tendem a agregar a si mais homens, ou convertidos ao pensamento do núcleo original, ou aliciados pela satisfação de necessidades, que de outro modo não poderiam ver satisfeitas.

Estas duas causas de agregamento actuam inevitavelmente na vida da Igreja Lusitana, e promovem a sua expansão em dois sentidos que, na ordem dos factos, podem aparecer confundidos, mas, em teoria, são distintos.

Com efeito, a Igreja Lusitana, como qualquer outra das Igrejas em que a Cristandade está dolorosamente fragmentada, por um lado, participa da essência constitutiva da Igreja Universal, quer dizer, como as demais Igrejas, tem por natureza e abstracto essa realidade de criação divina, o Corpo Místico de Cristo, e da mesma é expressão válida; por outro lado, ela subsiste, frente às demais Igrejas Cristãs, como defensora de uma doutrina específica, velho-catholicismo, catholicismo evangélico, catholicismo reformado, como quiserem chamar-lhe.

A cada um destes dois lados, por que olhemos a Igreja Lusitana, corresponde uma causa de agregação e, em consequência, um sentido de expansão. Vista como Igreja Cristã, frente ao Mundo, expande-se na medida em que homens descrentes procurem satisfazer no seu seio, a necessidade consciente de salvar as suas almas; vista como «uma Igreja,» diferenciada das outras Igrejas, e oposta a elas pela sua doutrina específica, expande-se na medida em que se liga, em comunhão plena, com outras Igrejas defensoras da mesma doutrina, e em que converta à sua doutrina cristãos, indivíduos ou comunidades, até então seguidores de doutrina diferente.

Esta distinção tem o maior interesse, pois, sem ela, não pode a Igreja Lusitana fixar uma inteligente política de expansão, e corre o risco de não cumprir, ou cumpri-lo com culposa deficiência, o imperativo divino que está na base da sua existência — «Ide por todo o Mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura».

Logo se vê daqui ser a «expansão sobre o Mundo» aquela que deve estar no primeiro plano do nosso pensamento. Mal ia à Igreja Lusitana, se ela adoptasse uma política de sectarismo, voltando as suas energias combativas para a conversão de outros cristãos à sua doutrina específica. Tal atitude estaria tocando as raízes da idolatria. Representava estimar mais uma «doutrina da salvação» do que a própria salvação. Era pôr um Credo

acima de Deus. Ai de nós se, por aversão ao «papismo», ou amor ao «episcopalismo», nos esquecemos dos homens por quem Cristo morreu na Cruz.

Esta expansão à custa do Mundo assume dois aspectos: a conquista do Mundo em nós, que já somos da Igreja, e a conquista de novas almas. O primeiro é a santificação; o segundo, a evangelização. Seria erro grave não atentar nessa distinção, porque uma expansão superficial, sem raízes profundas nas vidas dos crentes, sem alicerces nas famílias cristãs, satisfaria o orgulho de grupo, mas não era trabalho que pudesse ser «provado pelo fogo do Juízo». Muitas vezes se nos apontam os êxitos impressionantes, em números e emoções, de certas seitas, como pentecostais e testemunhas de Jeová, ou a clamorosa grandeza das assistências a certos pregadores revivalistas. São êxitos aparentes, erupções emocionais: vão como vêm, e pouco deixam. Falta-lhes interiorização. Bem preferível é a discreta acção pastoral, que o ministro faz, orando pelos seus paroquianos, visitando-os, intervindo com a Palavra de Deus, nos seus problemas de consciência ou de família; muito mais contribui para a expansão da Igreja a doutrinação sistemática da liturgia, afeiçoando continuamente os caracteres dos crentes, e habilitando-os a comunicar a seus filhos e à sociedade em torno de si, não tanto por palavras, como pela vivência, a mensagem do Evangelho, do amor de Deus.

Todavia, a Igreja não pode prescindir duma evangelização directa, uma imediata pregação da Palavra de Deus ao Mundo. E isto, seguramente, não pertence só aos ministros, é dever de todo o Corpo. Há, numa comunidade de feição tradicionalista como a Igreja Lusitana, a tendência para o apuramento formal na doutrina, na disciplina e no culto. Sem esquecer estes objectivos — esteios da instituição, que perdura ao longo das gerações, e cauciona a proclamação da Palavra para além do dia de hoje — é preciso, num equilibrado orçamento de despesas de energias, dar à evangelização imediata o tempo, a devoção, a imaginação e o impulso necessários. Na época em que vivemos, tornou-se finalmente nítida a separação entre a Igreja e o Mundo. Comunidades inteiras vivem estranhas à acção da Igreja. Importa reagir e pregar. Aqui está o grande campo para a expansão. Primordialmente não temos que converter católicos romanos ou protestantes; temos que levar Cristo a uma so-

cidade que mais e mais O vai desconhecendo. E para tanto, todo o esforço feito nesse sentido em harmonia com cristãos de nós separados por convicções doutrinárias, deve ser entusiasticamente acolhido.

Vimos, porém, haver um outro sentido de expansão por sua vez divisível — aquele em que a Igreja Lusitana, como igreja diferenciada das outras Igrejas pela sua doutrina específica, se expanda na medida em que se liga, em comunhão plena, com outras Igrejas, defensoras da mesma doutrina, e bem assim na medida em que converte à sua doutrina Cristãos, indivíduos ou comunidades, até então seguidores de doutrina diferente.

Não é pelo prazer de independência que as Igrejas cristãs vivem separadas umas das outras. É por fidelidade a Deus. Todas as Igrejas sentem o pecado das separações; mas não podem acabar com elas, em prejuízo do respeito a princípios doutrinários que julgam de origem divina e a que, portanto, devem inevitável obediência e serviço. O movimento ecuménico é justamente a expressão desta consciência generalizada do dever de comunhão plena entre todos os cristãos e da dolorosa impossibilidade de a realizar.

Temos, assim, os casos em que a comunhão plena seja possível, como primeiro passo para a unidade; e os casos em que tal não pode acontecer.

Quando a Igreja Lusitana estiver em face de uma outra Igreja, com a qual tenha identidade de doutrina nas coisas essenciais, deve promover o estabelecimento de relações de comunhão plena com ela, e, eventualmente, na medida em que as circunstâncias históricas e políticas o permitam, procurar mesmo forma de unidade orgânica. Nessa condição estão hoje a Comunhão Anglicana e a União de Utreque. A Igreja Lusitana expande-se se estreitar os laços que felizmente já a prendem a estes dois sectores da Cristandade. Claro que isto não significará para ela perder a sua identidade própria. A unidade orgânica na essência não envolve uniformidade dos pormenores criados por um condicionalismo local, que a tradição amoldou e tornou estimados do povo.

Quando essa comunhão não for possível, a Igreja deve defender a sua doutrina específica, torná-la clara, libertá-la dos acidentes não essenciais, demonstrar a sua verdade e, por amor a essa verdade, procurar atrair outros para ela. Esconder este dever é hipocrisia em que ninguém acredita. Nós estamos entre católicos-romanos e protestantes. Amando e respeitando uns e outros, como cristãos que são, e não esquecendo nunca o Mundo descristianizado à nossa volta, não hesitaremos proclamar o nosso convencimento de que somos portadores de uma doutrina fiel ao ensino apostólico e à tradição da Igreja Primitiva. A expansão que se

(Continua na página 4)

Antologia Devocional

NA CRUZ

Tendo o Senhor assim consumado todas as acções e obrigações de Redentor, recolheu-se o Senhor consigo e com Deus no silêncio do Seu espírito, esperando que acabasse de chegar a morte e dando este exemplo para nos ensinar a morrer. Cristãos: quereis morrer cristãmente, acabei antes de morrer; primeiro disse o Senhor: «Consumatum est»: Já se acabou tudo: e então esperou pela morte. O imperador Carlos V dava um governo a um seu grande capitão e ele escusou-se, dizendo: que queria meter tempo entre a vida e a morte e queria acabar a vida antes de morrer. E o imperador pareceu-lhe tão bem este conselho, quo o tomou para si. Cristãos, o que havemos de fazer na enfermidade e na morte, façamo-lo na saúde e na vida: examinemos muito de propósito nossa consciência; façamos uma confissão muito bem feita como quem se confessa para dar conta a Deus; componhamos nossas coisas; digamos «Consumatum est», e então esperemos pela morte, como Cristo fez.

Passado algum tempo neste profundo silêncio, levantou o Senhor os olhos ao Céu, dizendo: «Pai, em Tuas mãos encomendo o Meu espírito, e inclinando a cabeça...».

Perguntam os Santos por que inclinou o Senhor a cabeça? E respondem os contemplativos que foi para o Senhor nos dar um «sim» universal para todas as nossas petições.

Pedis a Cristo crucificado vos perdoe vossos pecados? *Sim.* Pedis a um Cristo crucificado que vos livre das tentações do demónio? *Sim.* Pedis a um Cristo crucificado que vos acuda em todas as vossas necessidades, ainda temporais? *Sim.* É possível, Senhor, que ainda que ajudei aos que vos crucificaram, me fazeis participante do preço desse sangue? *Sim.* É possível, Senhor, que ainda que vos tenha ofendido tanto em minha vida me recebereis nesses braços que tendes abertos? *Sim.* É possível, Senhor, que ainda que eu seja tão infiel e tão ingrato abrirei esse coração para me meter nele? *Sim.*

Oh! Bendito seja tal sangue, bendita seja tal misericórdia!

Pe. António Vieira (Século XVII)

A Cristo Crucificado

A vós correndo vou, Braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos
E por não castigar-me, estais cravados.

A vós divinos Olhos eclipsados,
De tanto sangue e lágrimas, cobertos,
Que para perdoar-me estais desbertos,
E por não devassar-me estais fechados.

A vós, pregados Pés por não fugir-me,
A vós, Cabeça baixa por chamar-me,
A vós, Sangue vertido para ungir-me,

A vós, Lado patente quero unir-me,
A vós, preciosos Pregos, quero atar-me
Para ficar unida, atada e firme.

Autora anónima do Século XVII

Votei pelo encerramento da Igreja

No domingo passado votei pelo encerramento da igreja. Votei para que se fechassem as portas, para que a sua mensagem e testemunho fossem sufocados. Votei que se feche a Bíblia, a Bíblia que nos foi legada por anos de luta e pelo sangue de mártires que morreram para que pudéssemos tê-la para ler.

Votei que o nosso pastor deixe de pregar as gloriosas verdades do Evangelho de Jesus Cristo. Votei que as crianças da Escola Dominical não mais aprendam as histórias da Bíblia e não mais elevem em cânticos as suas doces vozes infantis.

Votei que cada plano missionário seja abandonado, cada influência para o bem e o direito e para a verdade na nossa comunidade seja diminuída e por fim apagada. Votei que as trevas da superstição mais uma vez façam descansar o seu fardo de condenação sobre os ombros de um Mundo já tão oprimido.

PORQUE EU PODIA E DEVIA TER IDO À IGREJA, MAS NÃO O FIZ, E ESTIVE AUSENTE DURANTE TODO O DOMINGO PASSADO.

Adaptação de «O Jornal Baptista»

À CUSTA DE QUEM?

(Continuação da página 3)

faça por adesão de indivíduos ou de grupos, não propriamente à nossa comunidade, mas a esse venerável depósito de doutrina é desejável e deve ser promovida. A Igreja, como corpo de doutrina, é algo para além da instituição histórica que a exprime. Todo o regresso a essa doutrina, mesmo sem visível benefício da instituição, é expansão da Igreja. Não nos envergonhemos dela, antes recebamo-la com humilde louvor ao Deus da Verdade.

Daniel de Pina Cabral

Importância da Palavra de Deus na expansão da Igreja

REV. SAUL DE SOUSA

SOB a designação «Palavra de Deus» ou simplesmente «Palavra» queremos significar não só os elementos intelectualmente comunicáveis ou perceptíveis, cognoscíveis, portanto, mas também toda uma gama de outras manifestações divinas ou, mais propriamente, o somatório de tudo quanto Deus inspirou e d'Ele provém. Porque a Palavra não toca apenas este ou aquele aspecto da Obra de Deus, mas mais do que isso: é o modo essencial pelo qual Deus intervém no Mundo e a ele se manifesta. Daí a sua importância para este e, dum modo particular, para a Igreja.

Desde a Palavra falada directamente por Deus, ao «assim diz o Senhor», toda a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (Heb. 4. 12).

A importância dessa Palavra é tal que ultrapassa quanto de humano se podia imaginar ou dizer; a sua magnitude e transcendência estão absolutamente colocadas num plano tão elevado que é, diremos mesmo, inacessível, pois toca não só as raízes do mistério mas o próprio mistério; e tão profundo é em sua essência e relação para conosco, que dela simplesmente nos apercebemos na medida em que por ela nos deixarmos possuir. Por outras palavras, sem a luz que alumia a razão (o Espírito Santo), as nossas categorias não chegam a descobrir a Palavra e muito menos a relação que essa Palavra tem conosco.

A Palavra é, antes de tudo mais, o próprio Cristo. O Deus que falara anteriormente pelos profetas, falou-nos, nestes últimos tempos, em Seu Filho (Heb. 1. 1). É por isso que do Génesis ao Apocalipse, outro não é o escopo da Santa Escritura, do que mostrarmos Cristo — a Palavra. E se esta é a finalidade da Santa Bíblia, outra não pode nem deve ser, também, a dos nossos sermões. Porque a pregação não consiste tanto em

repetir ou em anunciar o que o Senhor disse ou fez, nem mesmo em dar a interpretação das Santas Escrituras conforme o consenso unânime da Igreja indivisa dos primeiros séculos. Isso é muito importante, sem dúvida; mas não chega. Pregar a Palavra é pregar Jesus. É apresentá-Lo tal como Ele é. É conduzir pessoas com seus pecados, problemas e frustrações aos pés de Cristo.

Pregação e Bíblia estão indissolúvelmente ligadas, porque a pregação cristã é informada pela Bíblia. É motivo de alegria para todos nós a importância que a nossa Igreja dá à Bíblia. Em todos os serviços da Manhã e da Tarde, ordinariamente, além de serem indicadas duas leituras (uma do Velho e outra do Novo Testamentos) canta-se ou recita-se três ou quatro Salmos, ou outros trechos da Santa Escritura. A própria liturgia dos nossos Ofícios, sobressaindo a celebração da Sagrada Eucaristia, está permeada e enriquecida por trechos da mesma Escritura. Os fiéis são frequentemente e insistentemente exortados a que leiam também a Bíblia em suas casas. Em algumas congregações, porém, a maneira como se lê a Bíblia deixa muito a desejar. Às vezes a leitura é feita hesitante, apressada, atabalhoada, inexpressivamente... Os que ajudam no Serviço Divino têm a seu cargo a leitura da Bíblia só deviam fazê-la em público, depois de se haverem exercitado convenientemente a sós. Um dos nossos Professores, de saudosa memória, referindo-se à leitura da Bíblia, em público, criticando a maneira como por vezes essa leitura é feita, disse o seguinte: «A leitura da Bíblia é para mim algo tão reverente como se fora um sacramento da Igreja». Não deveríamos todos nós pensar também assim?

Temos recorrido acerca da leitura e pregação bíblicas que têm como fulcro a pessoa de Cristo, o Verbo que se fez carne da nossa carne, para ser o nosso Salvador e exemplo. Consideremos agora, ainda que rapidamente, a Palavra nos Sacramentos.

É frequente chamar-se aos que se dedicam ao Sagrado Ministério «Ministros da Palavra e dos Sacramentos». E isto, talvez, para esclarecer que o ministério profético e o ministério sacerdotal, que na Antiga Lei existiam separados, no Novo Pacto coexistem numa só pessoa — O Ministro Cristão. Porém a expressão «Ministro da Palavra e dos Sacramentos» não é certamente a mais apropriada, visto que os Sacramentos também são Palavra, que é apresentada à fé dos crentes. A expressão «Ministro da Palavra e dos Sacramentos» serve apenas para enfatizar, de certo modo, que as responsabilidades e privilégios dos antigos sacerdotes e profetas recaem todas no sacerdócio e ministério cristão ou, com mais propriedade, nos expoentes do sacerdócio e ministério cristão — os pastores. Esclarecedoras a este respeito são as palavras de D. Egmont Krischke, bispo do Brasil Meridional. Em seu livro «A ESTRUTURA DA FÉ», assim se expressa aquele ilustre prelado:

«Todo o presbítero é ordenado para pregar o Evangelho e administrar os Santos Sacramentos, conduzindo o povo no culto público e exercendo a função de cura de almas. Na primeira dessas atribuições está o aspecto profético do Ministério Sagrado, com a pregação da Palavra e das vindicações divinas. Na ministração dos Sacramentos e do culto colectivo, reside o aspecto sacerdotal do Ministério, em que o sacerdote cristão actua como pessoa litúrgica ou ritual, representante que é, do sacerdócio universal da Igreja como um todo — o Corpo místico de Cristo».

«Que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus» — diz S. Paulo (I Cor. 4. 1). E como podem os ministros ser fiéis despenseiros desses mistérios? Servindo o povo de Deus, alimentando-o com a Palavra da «despensa» que lhe é servida no Púlpito e na Mesa Eucarística.

Porque não olvidemos, tanto a pregação como os Sacramentos são Palavra de Deus. Sto. Agostinho chamaria à leitura e pregação do Evangelho «*Verbum audibile*»; e aos Sacramentos «*Verbum visibile*». Pelo mesmo diapasão afinaria mais tarde Lutero quando, referindo-se a este mesmo assunto, dizia: «O primeiro é a «Palavra pregada»; o segundo a «Palavra

Dia de inverno, frio e agreste o dia 13 de Janeiro deste ano!

Uma centena de membros das igrejas de Lisboa, aprontava-se em vários carros, de manhã cedo, para ir assistir à dedicação do templo de Alcácer do Sal, em pleno Alentejo. O sol, que àquela hora deveria já erguer-se no firmamento, não se deixava mostrar no entanto, pela neblina cerrada que invadia a cidade.

A paisagem desta região, ao contrário do que encontramos nas outras províncias de Portugal, montanhosa, variada, de matizadas cores, tem aqui um aspecto monótono. A ligeira ondulação do terreno, que se estende para todos os lados, está coberta predominantemente por carvalhos e sobreiros que lhe dão um aspecto verde-pardacento.

O homem da região é de estatura acima da média, membrudo, altivo, concentrado e com o instinto sério de independência. As ideias que lhe são estranhas, desconfiado, dificilmente lhe dá guarida. A sua fala, o seu cantar, a sua música é dolente, triste, pausada. Tem havido nesta província, agrícola por excelência, o ceifeiro de Portugal, uma oposição latente à prática da religião, pela razão de ser do tipo dos seus habitantes, do seu clima social.

Foi no meio desta gente pouco acessível, difícil, que o rev. Pereira Martins, o padre Martins como era conhecido, lutou, desbravou para lhes estender a Palavra de Deus, na simplicidade católica, liberal da Igreja Lusitana. A pé, em distâncias medidas por dezenas de quilómetros, lá ia de aldeia em aldeia, aqui e acolá, pregando, num missionarismo pioneiro. Foi ele que reuniu há 40 anos, em Alcácer, um pequeno grupo de

Dedicação do Templo da

ALCÁCER

Em 13 de Jan

crentes, como nos é contado, numa linguagem simples, mas cheia de interesse, por um dos que felizmente se encontram ainda vivos. (1)



O bispo diocesano entrando na igreja, depois de lho ter sido solicitado pelo representante secular sr. Lázaro Correia

lhe prestou os melhores serviços, indo de Lisboa frequentemente àquela vila.

Em 1952, sentindo-se cada vez mais a necessidade dum templo, iniciou-se a campanha para a sua construção. Comprou-se um terreno com migalhas abençoadas; foi feito o projecto pelo distinto arquitecto Prof. Frederico George, e começou-se a angariar o dinheiro neces-



Um aspecto da assistência

sário. Fez-se largo apelo nas colunas do «Despertar» a todos os membros da Igreja Lusitana, que hoje devem sentir a alegria consciente e edificante, pela forma generosa e pronta com que contribuíram para a obra da expansão da Igreja, obra que assim pode também ser considerada como sua. Apesar, felizmente, de algumas boas vontadas e de muitos amigos em todos os continentes do Mundo que nos enviaram o seu óbulo, o dinheiro obtido no fim de alguns anos, não chegou. Que fazer? Pedir emprestado? Foi o que se fez. Mas quando quase se desanimava (o crédito das comissões reli-

Este pequeno grupo manteve-se firme e só, sem ministros, durante dezenas de anos, até que um pastor lhes depa-rou na pessoa do dedicado rev. Venâncio de Oliveira, sem esquecer o proeminente pregador leigo, dr. Ayres da Silva, que durante o interregno daquela congregação,

gias é pequeno) súbitamente apareceu alguém que se prontificou, em óptimas condições de juro e prazos de pagamento, a emprestar-nos o dinheiro necessário. Esse alguém foi uma grande amiga de Portugal, Miss Doris Bushby, em nome da Sociedade Auxiliadora. Estava vencido o obstáculo máximo. E a igreja construiu-se.

E em 13 de Janeiro, nesse dia de aparência triste, nevoento e frio, lá estávamos todos, cantando com entusiasmo e alegria, o levantamento de mais um marco da expansão da Igreja.

A cerimónia iniciou-se às 11 horas da manhã. Fechada ainda a porta principal, o representante da entidade da Igreja que tomara a iniciativa da construção, dirigiu-se ao bispo diocesano: «Reverendo Pai em Deus: Em nome da entidade fundadora e proprietária legal deste edifício, façovos a entrega dele a fim de que sirva de agora em diante para todos os actos de culto e actividades da Paróquia de Cristo Remidor da Igreja Lusitana, Católica, Apostólica. Evangélica». Do mesmo modo o representante secular da congregação, em nome do povo, dirigiu-se igualmente ao bispo, pedindo-lhe que consagrasse aquele novo edifício ao serviço de Deus. Então ouviram-se fortes pancadas na porta principal dadas de fora pelo bispo com o seu báculo. Abriu-se então a porta com fragor de par em par. E entre alas de povo, que observava curioso a cerimónia, o bispo entrou no templo. A congregação de pé cantava um hino de dedicação:

**Aqui nos vês, bendito Deus,
Para esta casa consagrar
Ao Teu serviço, ó Rei dos reis,
Ao Teu louvor, ó Deus sem par!**



O rev. dr. Daniel de

Igreja de Cristo Remidor

DO SAL

eiro de 1963

Em seguida foi lida a acta da entrega do templo, acta escrita em pergaminho, com iluminura cuidada e que constitui uma significativa lembrança para o futuro.

A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, ofereceu uma Bíblia grande para a estante, que foi entregue e ali colocada pelo seu representante, sr. José Carlos d'Oliveira Gonçalves.

O coro da Catedral de S. Paulo, de Lisboa, dirigido por D. Isabel Freire de Messias, que estava ao órgão, cantou o Largo de Handel e outras peças sacras, acompanhando até ao fim todo o serviço litúrgico. A música, pela forma cuidada como foi executada, deu brilho à cerimónia e patenteou de forma evidente as boas condições acústicas do novo templo.

Seguiu-se o serviço da Sagrada Eucaristia, após o bispo ter confirmado alguns membros da congregação. No púlpito esteve o rev. dr. Daniel de Pina Cabral. Perante um auditório atento, dissertou sobre o significado da cerimónia a que todos estavam assistindo. «A igreja era de

facto um lugar sagrado porque os homens ali se ajoelhavam reverentes, adorando o Criador. Porém as paredes do templo, de maneira alguma representavam uma ideia supersticiosa ou de fetichismo. O local era tão sômente venerável porque os crentes ali se encontravam numa manifestação de Fé. A religião de Cristo era Espírito e Verdade. E era em espírito e verdade que todos O deviam adorar. A matéria em si para nada aproveita, a não ser quando serve os designios divinos. E era o caso do templo. Na medida em que a congregação fosse fiel nos caminhos do Senhor e usasse o templo numa

verdadeira consagração ao serviço de Deus, aquele lugar seria certamente um lugar santo de meditação e contemplação, merecedor do respeito dos homens».

Acabado o serviço da Eucaristia, em que comungaram primeiro os ministros presentes, depois os que haviam sido confirmados, e em seguida toda a congregação, houve o desejo de visitar pormenorizadamente o novo edifício. Este, no seu conjunto arquitectónico, apresenta-se de li-

nhas sóbrias, modernas, enquadrando bem no ambiente. Ainda que destacando-se no local pela sua forma característica e digna, não excede desproporcionalmente a cêrcia dos edifícios vizinhos. A torre, com o seu sino, como simbólico padrão, é encimada por uma cruz de elegantes linhas. O sino, tem um toque suave, discreto, de puros sons harmónicos, e está ali para anunciar, distante, o início da adoração, como é de uso na nossa Terra.

Interiormente, a nave, para mais de 200 pessoas, se alonga em forma de cruz grega, num feliz arranjo arquitectónico. O altar ocupa um dos braços. Nos outros dois estão, respectivamente, o coro e o baptistério. O altar é de pedra muito simples.

A pia baptismal de pedra também, e de forma arredondada, ovoide, sem ser trabalhada, é verdadeiramente um achado. Todos a consideram uma peça original. O resto do mobiliário da igreja, o púlpito, a estante, os bancos, os can-

deiros, estão correctos e enquadram bem no estilo da igreja.

Por uma escadaria bem lançada, desce-se para a cripta, onde está instalada a sacristia e o salão social. Este comporta bem uma centena de pessoas e é destinado às reuniões sociais da igreja, sociedade de senhoras, de homens e de jovens.

Alcácer é possuidora, presentemente, dum templo digno de seus pergaminhos e tradições. Alcácer foi urbe romana, teve importância no reino dos Visigodos, e no início da monarquia foi sede de bispado. Podemos pensar com esperança que na expansão da Igreja Lusitana, Alcácer de novo, como primitivamente, possa ser uma guarda avançada do Evan-

gelho em um novo arranque de revivificação espiritual.

A educação religiosa naquela grande província portuguesa, até aqui, tem sido dificultada pela forma como Cristo tem sido apresentado. Talvez agora ao ouvir a Boa Nova da Salvação, pregada numa linguagem simples e acessível, sincera e verdadeira, aquele povo, numa confirmação do seu sentimento religioso inato, aumente a sua confiança em Deus e se Lhe entregue inteiramente, abrindo o seu coração. Que bênçãos enormes para aquela gente! Que Deus os ajude na sua vida e inspire os ministros da igreja a realizarem esta obra santa na expansão do Reino de Deus.

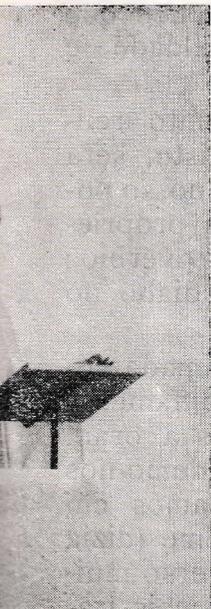
(1) Eis o depoimento desse querido irmão, sr. Alberto Joaquim da Fonseca Rato, que assistiu aos primeiros dias desta igreja. «E com grande alegria no meu coração, alegria no Senhor, que me encontro hoje aqui para assistir à inauguração deste templo tão belo, mas ao mesmo tempo tão precioso, tão desejado, tão sonhado para o avanço da obra do Senhor, para levar aos



O representante da entidade proprietária, dr. L. Figueiredo lendo uma lição das Escrituras



O nosso bispo dando a bênção



ina Cabral, pregando

corações ansiosos o bendito Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, qual facto luminoso que há mais de 45 anos começou a brilhar nesta Terra que me foi berço.

Começou assim: a D. Mónica de Jesus Osório Teles, então católica romana, tinha uma filha a quem ela muito amava, e que morreu na flor da vida; foi tão grande o desgosto, tão grande a angústia, que, desorientada foi a Setúbal e aí procurou um sacerdote católico-romano, e este, não tendo palavras que a consolasse, indicou-lhe o padre Martins; aqui começou ela a ter conhecimento da verdade, e, louvado seja o Senhor que a iluminou de tal maneira com o seu divino Espírito Santo, que fez dela uma serva fiel, a quem o Senhor se revelou duma maneira particular, e tão particular que algumas vezes ela me disse: «Olha filho, os meus lábios humanos não são dignos de contar as manifestações que o Senhor tem tido comigo, pobre pecadora».

Foi esta saudosa irmã D. Mónica Teles que começou a receber em sua casa o nosso saudoso pastor rev. José Pereira Martins e esposa, que muito a ampararam no caminho do Senhor. Aqui começaram as reuniões de pregação do Evangelho.

Esta nossa irmã viveu inteiramente afastada dos prazeres que o Mundo oferece para se consagrar ao serviço do Senhor; quando da epidemia, a pneumónica de 1918, ela muito trabalhou prestando assistência e auxílio aos enfermos.

Os nossos corações também estão gratos a memória do nosso saudoso pastor rev. José Pereira Martins, que foi incansável no serviço do Senhor, na conquista de almas para Cristo: muito trabalhou para conseguir casa própria para o serviço do Senhor junto da Câmara Municipal para conseguir o edifício que hoje é museu; também junto do administrador do concelho para conseguir uma casa junto ao hospital desse tempo, e ainda outras teutativas nesse sentido, mas sem resultado; dizia então ele: «O Senhor proverá»; e continuava: «Outros verão o fruto deste trabalho». Craças ao Senhor, que anos depois temo-lo nós presente!

Logo no princípio deste trabalho, por iniciativa de D. Mónica Teles, organizou-se um culto ao ar livre, já fora da vila (mas perto) na quinta da nossa irmã D. Ana Castro, a que assistiram mais de 300 pessoas; pregaram aqui o nosso saudoso bispo-eleito rev. Santos Figueiredo e rev. José Pereira Martins; a meio da pregação surgiram 2 praças da G. N. R. que levaram o rev. Santos Figueiredo e o rev. Pereira Martins presos para o posto, acusados de estarem a pregar contra a Republica.

Mas, louvado seja o Senhor: «O que habita à sombra do Altíssimo, na protecção do Deus do Céu descensará; e assim, dentro de pouco tempo, o rev. Santos Figueiredo e o rev. Pereira Martins, de novo se encontravam presentes; e agora pregavam ainda com mais entusiasmo!

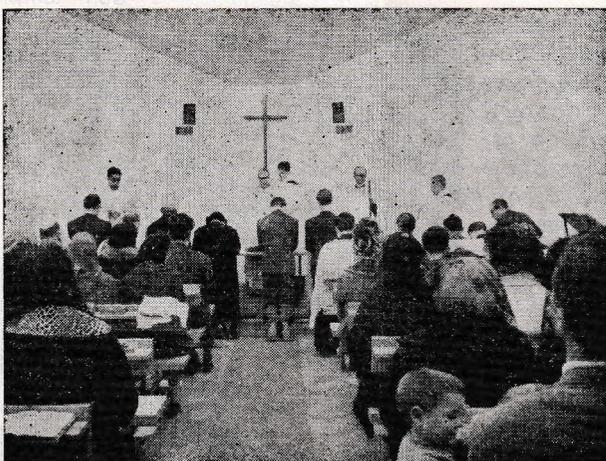
E, caso curioso, a multidão conservou-se presente até regressarem do posto, que dista talvez um quilómetro, e houve lágrimas de comoção entre a assistência.

Para vir a Alcácer, antes de haver comboio, o rev. Martins vinha grandes distân-

cias a pé, quilómetros e quilómetros, aproveitando os lugares por onde passava para pregar o Evangelho.

Todos nós, os do seu tempo, temos saudades dele; sempre que nos abeirávamos do rev. Martins para nos explicar passagens das Escrituras, o fazia com profundo conhecimento delas, e de tal maneira que os nossos corações ficavam esclarecidos.

Nunca lhe vi qualquer atitude, qualquer gesto, nem alguma conversação mesmo em convívio particular, que deslustrasse o seu ministério, que servisse de pedra do tropeço.



A comunhão dos fiéis

Finalmente, os nossos corações estão cheios de gratidão diante do Senhor nosso bom Deus e Pai porque foi possível a construção deste templo, a Casa do Senhor nosso Deus, coroando assim esta jornada longa de evangelização; porém a obra do Senhor não pára, mas ela continuará até à Sua Vinda gloriosa, em que será arrebatada a Sua Igreja, qual escrava resgatada, que Ele comprou com o Seu precioso sangue na cruz do Calvário.

De todo o meu coração faço votos diante do Senhor, para que este novo Templo, que acaba de ser dedicado, seja usado sempre para sua honra e glória, com o nosso testemunho, não só pela palavra, mas principalmente pelo nosso viver em santidade, sem a qual ninguém verá a Deus.

Salmo 34. 1 a 5 e 10-12

MENSAGEM EPISCOPAL

(Continuação da primeira página)

Este tipo de oração (que é mais do que oração porque é vida) é indispensável se queremos ver a Igreja despertada e renovada.

À Igreja, pois, chamando-nos cada Quaresma a dedicar-nos, de modo particular, à oração e à autodisciplina, promove, de algum modo, todos os anos, uma campanha de autêntico reavivamento.

Esse avivamento, que todos os cristãos, têm o dever

grave de levar a cabo, é muito mais do que aquela afluência de assistentes aos cultos e de prosélitos, que a muitos parece contentar.

Estaremos na presença de avivamento genuíno, quando virmos não apenas igrejas cheias, mas sim, quando egoístas e orgulhosos se transformarem em abnegados e humildes; quando vingativos e intolerantes, se tornarem perdoadores e compreensivos; quando exploradores e usurários, se tornarem liberais e caridosos; quando «fariseus», vaidosos por não fazerem certas coisas, forem ajoelhar ao lado dos «publicanos» que desprezavam; quando em suma, pecadores convictos, deixarem, e procurarem reparar, o mal que fizeram e praticarem o bem que omitiram, com humildade e perseverança.

Todo o movimento religioso que não for isto, será aquela religião que o nosso povo definiu com muita propriedade no conhecido provérbio: «Deus na boca e o diabo no coração».

Escutemos a chamada solene da Igreja! Aprendamos a orar! Habitue-mos a orar! Demo-nos à oração e demo-nos em oração! Combatamos em oração! «O diabo treme (dizia um poeta inglês em verso muito feliz) quando vê o mais fraquinho filho de Deus em oração». Por isso é necessário firmeza para conseguir vencer os obstáculos que se levantam, sempre que vamos orar.

Mas importa persistir, porque não deve haver ilusões! Por mais rica e bem organizada que seja uma Igreja, se lhe falta nela quem verdadeiramente se empenhe no ministério da oração, é corpo sem alma. Longe de se expandir, cedo se desagregará.

Luís C. Rodrigues Pereira

UM POVO EM MARCHA

Revmo. D. Luís C. Rodrigues Pereira

VI há tempos, na legenda de certa gravura, numa publicação da paróquia católica romana de St. Severin, de Paris, a Igreja de Deus comparada a *um povo em marcha*. Acho esta designação das mais felizes e relevantes, porque se a fé vê na Igreja o Corpo místico de Cristo, a «Casa de Deus, coluna e firmamento da verdade», estes aspectos têm de ser expressos e vividos de tal modo que se seja obrigado a ver na Igreja um povo verdadeiramente em marcha.

Sempre que a Igreja ficou parada ou recuou nas grandes encruzilhadas da História, perante as crises e os problemas do seu dia, ela traía a missão que lhe fora confiada, por ter perdido a sua vocação de povo em marcha. Sempre que a Igreja se fechou em si mesma, em tradições não essenciais, amarrando-se a certa rotina de expressão e de culto e passou a servir estas coisas, em vez de as utilizar para servir a Deus na liberdade do Espírito, a Igreja estagnou e deixou portanto de ser *um povo em marcha*.

Uma das bênçãos prometidas por Deus ao Seu povo antigo era a de o tornar, em relação às nações pagãs, «cabeça e não cauda» (Deut. 28. 13); mas a Igreja tem sido muitas vezes «cauda» e não «cabeça», arrastada pelo Mundo, em vez de ser ela a arrastar, ou antes a conduzir o Mundo inteiro, após ela e portanto atrás de Cristo, seu Caudilho e Senhor.

A expansão da Igreja, que é um dos aspectos da sua marcha, é pois assunto de superior importância. Note-se porém, não tanto a expansão desde logo avaliável em estatísticas brilhantes e em geral ilusórias mas antes a expansão influente, a expansão presença, que é o que verdadeiramente conta.

Três noções são indispensáveis a *um povo em marcha*:

Saber onde está, saber para onde vai, e saber como há-de ir.

ONDE ESTAMOS

Nós, a Igreja Lusitana, onde estamos? Qual o terreno em que somos chamados a marchar? Isto

equivale a perguntar, qual a posição do nosso País do ponto de vista religioso?

Os censos da população costumam dar cerca de 95% de católicos (romanos), no entanto a própria hierarquia romana não tem as menores ilusões a respeito daquele número. Os portugueses, na sua grande maioria, não são de facto verdadeiros católicos romanos.

A assistência à Missa dominical, que representa um mínimo de prática religiosa, no Sul não vai muito acima de 10% em média; ora isto já fala por si. No Norte esta média é muito mais elevada. Note-se porém que boa parte daqueles que assistem regularmente à Missa dominical no Norte, quando vêm para o Sul deixam de o fazer. Se formos a aprofundar as convicções religiosas de muitos dos que vão regularmente à Missa nos dias de preceito, verificaremos que uma boa percentagem não acredita na infalibilidade papal, não concorda com o celibato clerical e detesta, e portanto não pratica, a confissão auricular. Não quero dizer que eles dêem razões válidas, mas o facto fica que são pessoas, para todos os efeitos, divorciadas da Igreja Romana.

Podemos dizer que a grande maioria daqueles que se dizem católicos mas que não praticam, mantem a sua ligação ainda que um tanto efémera com a Igreja de Roma, os homens, por uma questão de tradição; as mulheres, sobretudo por causa das suas tendências mariológicas. Não que a mariologia do nosso povo seja a mariologia oficial de Roma, a mariologia dos teólogos, essa o povo desconhece-a e se tentassem impor-lha, escandalizar-se-ia.

A mariologia popular é uma mariologia muito «sui generis» um pouco pagã, sobretudo sentimental, que em certas manifestações toca nas raias da «mariolatria» mas que a hierarquia tolera e por vezes encoraja.

Essa mariologia popular, representa, além da aspiração inata pelo «milagre», o desejo tão humano de ver resolvidas, sem esforço, as doenças graves, as dificuldades aparentemente insuperáveis e até

as grandes calamidades de carácter geral, como guerras e epidemias; isto, aliado em muitos casos, a uma recusa consciente ou inconsciente, de verdadeira contrição e mudança de vida. Raciocina-se deste modo: «Maria, como mãe, fechará maternalmente os olhos a determinadas fraquezas, e escutará as orações que lhe fizerem; enquanto que Nosso Senhor, mais severo, mais exigente, não atenderia enquanto não visse sincero propósito de emenda». Sabemos muito bem que Roma considera este raciocínio tão errado como nós o consideramos, mas de facto é isto que infelizmente está por detrás de grande parte do apego popular ao culto da Bem-dita Virgem e dos Santos.

Esta tendência para o sentimentalismo, para o milagre, para uma santidade «barata», mais feita de pequenos sacrifícios e abstenções externas do que das grandes renúncias íntimas e de real e progressiva união com Deus, explica o êxito aparente obtido nos países latinos por certos movimentos revivalistas. É curioso que estes movimentos longe de serem, como eles pensam e outros julgam, um protestantismo levado ao extremo, são pelo contrário psicologicamente idênticos ao catolicismo romano popular, de que constituem uma versão protestante, quase sempre muito cheia de estrangeirismos.

De facto, encontramos neles o mesmo apelo à emoção (tão diferente dos métodos do Senhor e dos Apóstolos) a mesma procura do «milagre», a mesma incultura doutrinal, a mesma superficialidade, enfim.

Eis onde estamos.

PARA ONDE VAMOS

Nossos Pais em 1880, traçaram com toda a clareza o alvo a que devíamos aspirar, como tem sido repetido nestas colunas vezes sem conta, mas que nunca é demais repetir:

«Não pretendemos fundar uma nova religião. Queremos tão somente expurgar a Religião Cristã das corrupções seculares, reivindicar as liberdades da primitiva Igreja Lusitana — por tanto tempo sujeita ao jugo estrangeiro de Roma — e difundir por todo este País uma doutrina *que seja católica e apostólica*, numa Igreja *portuguesa e não romana*» (Prefácio do Livro de Oração).

(Continua na página 10)

O nosso alvo pois, não é converter ao anglicanismo ou a qualquer outra confissão estrangeira os nossos compatriotas. Não queremos que eles mudem de Igreja; desejamos é que *toda* a Igreja Lusitana (isto é, todas as seculares dioceses ainda sujeitas a Roma) se tornem independentes não só de jurisdição estrangeira, mas também de doutrinas e práticas contrárias à Palavra de Deus a ao consenso da Igreja indivisa dos primeiros séculos.

É claro que quando falamos de independência não excluimos antes implicamos aquela interdependência que existia nos primeiros tempos entre Igrejas autónomas em plena comunhão.

Alguns protestantes mais extremistas ao assistirem ao culto nos nossos templos têm saído encolhendo os ombros e dizendo com desprezo: «Mas isto é uma igreja católica...» Mas com certeza, nada mais verdadeiro! A Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica, é aquela pequenina parte do ramo da Igreja Católica, plantado desde tempos sub-apostólicos nestas terras, que experimentou uma gloriosa *renovação*, para usar a palavra, felizmente muito querida, de João XXIII e dos católicos romanos «progressivos» dos nossos dias.

Renovados, queremos continuar a renovar-nos e a renovar.

Eis para onde vamos.

COMO HAVEMOS DE IR

Em primeiro lugar havemos de ir após Jesus ou não seríamos cristãos. «Se alguém quer vir após Mim» — disse Ele — «negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-Me».

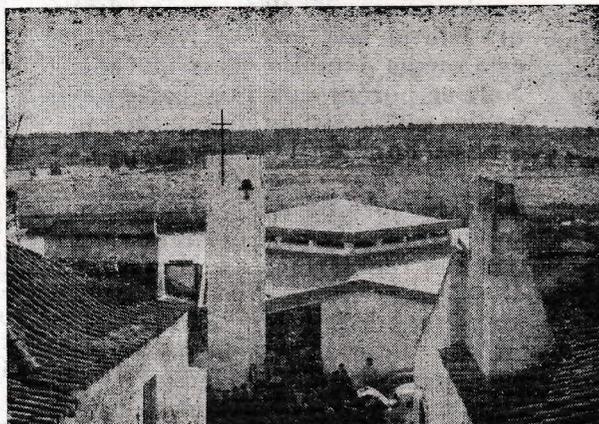
A mais perfeita dialéctica, a cultura vasta, a melhor montada máquina de publicidade, não terão o menor valor se não tiverem atrás delas uma piedade individual autêntica, que não é outra coisa senão a conformação diária à pessoa de Cristo e ao Seu exemplo.

Alguém escreveu no prefácio de certo Livro recente: «Jesus... vem com uma toalha e uma cruz». De facto Jesus não veio envolto em púrpura real, mas cingido duma toalha lavou os pés aos Seus discípulos; não veio empunhando um cetro, mas carregou com a cruz

e nela morreu por todos nós, Ensinou-nos assim que o único caminho a seguir era o da humildade, do serviço ao próximo, da renúncia e do sacrifício total.

A marcha do povo de Deus tem de ser marcha de homens e mulheres de vida interior. Homens e mulheres que sabem o que é ter sede e fome de Justiça; que oram diariamente e lêem diariamente a Bíblia, com o desejo intenso de serem o que deviam ser; que intercedem diariamente pelos seus semelhantes em pecado, em ignorância, ou em dor, e sabem o que é «agonizar em oração».

Ponha-se um bom punhado de homens e mulheres assim em mar-



Um aspecto da igreja de Alcácer do Sal

cha na Igreja Lusitana e começaremos logo a ver grandes coisas.

Em segundo lugar, deveremos dar-nos conta de que a nossa marcha é de *renovação* e de que essa renovação consiste em trazer à luz elementos da nossa herança porventura menos em evidência. Mostraremos assim que a Igreja Lusitana é a Igreja dos que querem continuar católicos embora não possam em boa consciência ser romanos.

É necessário reconhecer que os desvios religiosos do nosso povo correspondem no fundo a elementos verdadeiros e valiosos, que é preciso libertar dos erros que os inutilizam, e fazê-los vingar.

Assim, por exemplo, deveremos fazer com que o anticlericalismo faccioso e demagógico se transforme em compreensão do valor dos leigos na economia divina e na sua contribuição para a edificação do Corpo de Cristo. A Igreja Lusitana, onde não é possível, ou pelo menos fácil, o clericalismo, onde clérigos e leigos têm lugares

bem definidos tanto no serviço como no governo da Igreja, tem grandes possibilidades neste sentido.

No que se refere aos desvios marcológicos populares e aos emotivismos e curandeirismos quer romanos quer protestantes, não pode nem deve haver transigência mas pode e deve haver compreensão. Importa ensinar a verdade, toda a verdade bíblica a respeito da Mãe do Senhor e da cura espiritual. É indispensável, sobretudo, aprofundar honesta e corajosamente, o ensino unânime da Igreja de todos os tempos acerca da doutrina da Comunhão dos Santos. Que exemplo extraordinário neste sentido tem sido dado a todos pela

Comunidade Reformada (Presbiteriana) de Taizé em trabalhos recentemente publicados, da autoria respectivamente do Yves Emery e Max Thurian, (1) ao lado dos quais não deve deixar de ser citado, embora seja de natureza diferente, o encantador opúsculo do Cónego Eduardo Moreira «A Colaboração da Mulher na revelação Divina».

A Bem-aventurada Virgem, cujo cântico faz parte do nosso Ofício diário da tarde, cuja Anunciação celebramos anualmente na nossa Liturgia, deve de tal modo ser apresentada na perspectiva do Mistério da Encarnação, como representando a Humanidade assumida e redimida pelo Filho de Deus, que a devoção popular por Maria seja orientada e acabe por integrar-se no culto ao Deus único e ao Mediador único. É necessário desta maneira mostrar ao nosso povo de modo que ele entenda (os processos até agora usados pela propaganda protestante têm-se mostrado absolutamente ineficientes) que a maneira melhor de honrar Maria e todos os outros Santos de Deus, é fazê-lo no espírito em que o faz a Igreja Lusitana.

Há ainda outra classe de pessoas, às quais a Igreja Lusitana necessita de fazer sentir que é a comunidade cristã onde elas têm o seu lugar. É o grande número de almas que no fundo são cristãs mas porque pensam, porque raciocinam, porque têm respeito pela sua integridade intelectual, não se submeterão facilmente ao totalitarismo de Roma, tão pouco cabem na estreiteza do «fundamentalismo» que caracteriza grande parte do

Sermões de 5 minutos

A PAZ DE DEUS SEJA CONVOSCO

Quão maravilhosa é a definição de «semente» dada por Nosso Senhor Jesus Cristo à expressão «palavra de Deus» na parábola do Semeador.

Assim como a semente que é lançada à terra, germina e produz seu fruto específico, assim a Palavra de Deus que é lançada ao coração humano, germina e produz o fruto da fé, o qual se manifesta em actos de amor. A fé sem esta característica é a que brota de corações onde a «Palavra de Deus» não encontrou terreno propício para germinar. O apóstolo S. Tiago diz peremptoriamente que uma fé assim é uma fé morta (S. Tiago 2.17). A expansão da Igreja primitiva, segundo se lê no Livro dos Actos dos Apóstolos, foi o fruto da Palavra de Deus por eles anunciada às multidões que os ouviam. O motivo destas se converterem aos «milhares» encontra-se nestas palavras de Jesus Cristo: «Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cai na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto» (S. João 12. 24). Jesus é o grão que tendo sido lançado na terra e morrido, dá o pão da vida a toda a Humanidade. E de tudo aquilo que Ele disse que era, o «Pão da Vida» é o que melhor nos diz o que Ele é. Assim como o trigo, antes de tomar a forma de alimento do corpo, é malhado, pisado, amassado e cozido, assim Jesus, para ser o alimento das nossas almas, foi blasfemado, zombado, pisado, açoitado e morto (Isaiás 53). A morte de Cristo é, paradoxalmente, a vida da Igreja.

«E crescia a palavra do Senhor, e se multiplicava muito o número dos discípulos em Jerusalém...» diz o texto. Ora, a «Palavra de Deus» é o próprio Deus que se fez carne e habitou entre nós, na pessoa de Seu Filho Jesus Cristo (S. João 1. 14). «E o Verbo se fez carne...» Ora, o Verbo ou Palavra veio ao Mundo para morrer e nos dar vida em abundância (S. João 10. 10). O texto que estamos con-

«E crescia a palavra do Senhor e se multiplicava muito o número dos discípulos em Jerusalém» (Actos 6 7).

Rev. A. Arbiol

siderando diz que se multiplicava muito o número dos discípulos em Jerusalém... mas o que o texto não diz tem tanto valor como o que ele diz, pois que a multiplicação dos discípulos, verificada a principio em Jerusalém, depressa se estendeu a outras cidades e nações, devido especialmente, ao testemunho que davam de Jesus, durante o período em que perseguidos buscavam escapar dos seus inimigos. Não há força humana que possa deter a expansão da Igreja, verificada através da germinação da Palavra de Deus. O facto mais famosamente histórico é o da vitória do ideal cristão. Quanto mais os inimigos deste ideal se esforçam por o destruir, mais ele se impõe pela sua força e natureza vital. A sua maior vitória consistiu naquilo que teve o aspecto de derrota: a morte de Cristo. Quando julgaram que O fizeram calar para sempre, foi quando Ele mais falou! E «Eu quando for levantado da terra, todas as coisas atrairei a Mim mesmo», — disse o próprio Jesus. (S. João 12. 32).

Dizem que o Livro dos Actos dos Apóstolos não chegou a ser concluído. E é com certa razão que isso deve ter acontecido, porque os actos dos crentes que, pela sua afinidade de fé, seguem o exemplo dos santos Apóstolos, nunca poderão acabar. Como S. Paulo, todo o servo de Deus que lançou mão do arado na Sua vinha, deve excluir: «Ai de mim, se não pregar o Evangelho» (I Cor. 9. 16). E esta tarefa de evangelizar, qual bendita sementeira, constitui a principal e a melhor forma da expansão da Igreja, consistindo, especialmente, na leitura da Bíblia e na sua explicação quer no púlpito, em reuniões e conversas, quer por meio de livros e jornais ou revistas de reconhecida e competente autoridade religiosa. Podem surgir dificuldades para a execução de actos desta natureza, mas não devemos esquecer que as vitórias fáceis, não são as

UM POVO EM MARCHA

(Continuação da página 10)

protestantismo português. Em face destas almas que Deus também ama e que, porque amam a verdade, mostram que também amam a Deus, que responsabilidade temos de «renovação» para que vejam na Igreja Lusitana o seu lar espiritual.

E, para terminar, diremos que a nossa marcha não é marcha de guerra, mas sim de *reconciliação*. Desde que na Comunhão Romana se iniciaram os Movimentos Litúrgicos e de Renovação Bíblica, a marcha daqueles nossos «Irmãos separados» em direcção a nós, teve o seu início; João XXIII oficializou de algum modo essa marcha ao convocar o II Concílio do Vaticano. O facto é este, por muitas das coisas porque nós temos lutado, lutam agora com nobre coragem os que constituem a grande ala progressiva da Comunhão Romana. Pois a descentralização do governo da Igreja, a restituição de autoridade aos bispos diocesanos, o vernáculo na liturgia, a Comunhão nas duas Espécies em alguns casos pelo menos, as novas concepções sobre liberdade religiosa (da América latina e até de Espanha, chegam notícias extraordinárias da «viragem de maré») e isto em face de imensas declarações papais feitas em sentido contrário no passado e tantos outros anelos que de modo inesperado se revelam, não são porventura outros tantos passos gigantescos em direcção a nós? Quem os julgaria possíveis há 30 anos?

Ainda estamos muito distantes. Só o Espírito Santo pode levar a cabo o encontro, em amor e em verdade. Só Deus sabe, quando, como e onde será. A nós compete-nos ser «Povo em Marcha», guiados pelo Sumo Pastor e Bispo das nossas almas, Jesus Cristo Nosso Senhor.

Luis C. Rodrigues Pereira

(1) L'Unité des croyants au Ciel et sur la Terre
Verbum Caro, 63, 1962

mais gloriosas. Os crentes sinceros em cujo coração a Palavra de Deus brotou não podem deixar de dizer como os Apóstolos, ante a ameaça do sinédrio: «Não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido» (Actos 4. 20). Amen.

Importância da Palavra de Deus na Expansão da Igreja

(Continuação da página 5)

dramatizada. Quando o ministro prega, ouve-se a Palavra de Deus; quando o ministro celebra os sacramentos mistérios, vê-se a Palavra de Deus. Por outras palavras: quando ele prega, fala em nome de Deus; quando celebra, fala o próprio Deus. Através dos séculos, mesmo no tempo das maiores perseguições, a Igreja tem-se expandido pela **Palavra** ministrada no Púlpito e no Altar.

Alan Richardson, capelão-supervisor dos bispos de Durham e Sheffield, diz o seguinte:

«A tentativa de ora se exaltar o ministério da Palavra ora o dos Sacramentos, sobrepondo um ao outro, falseia a doutrina do Novo Testamento e o ensino clássico cristão. Os reformadores anglicanos tentaram restaurar o ensino primitivo, dando a cada um o seu lugar próprio e certo em todo o ministério da Igreja. O acto cristão de culto, completo e mais elevado, contém um ministério tanto da Palavra como dos Sacramentos: a Eucaristia é precedida pela leitura e exposição da Palavra. Há um profundo significado no acto de dar a Bíblia ao sacerdote por ocasião da sua ordenação. A Bíblia é o emblema tanto da Palavra como dos Sacramentos. «*Sê tu um fiel despenseiro da Palavra de Deus e dos Seus santos Sacramentos*» — diz o bispo à imposição das mãos; e, no momento em que lhe entrega a Bíblia ele diz: *Recebe a autoridade para pregar a Palavra de Deus e para ministrar os santos Sacramentos...*» A entrega da Bíblia simboliza a subjacente unidade dos ministérios da Palavra e dos Sacramentos». (1)

A Palavra de Deus vista sob estes dois aspectos é de grande e inestimável valor no crescimento da Igreja. Diremos mesmo que a Igreja cresce em extensão e profundidade na medida em que aqueles que a compõem são alimentados zelosa e fielmente com a **Palavra de Deus**. E todos quantos da **Palavra** se alimentam, por Ela viverão como testemunhas de Cristo e instrumentos da Graça na expansão da Igreja.

Saul de Sousa

(1) «*Apologética Cristã*» Pág. 296 — nota — Ed. da Casa Publicadora Baptista.

Rev. Samuel Doctorian

Voltou ao nosso País, para campanha de evangelização, este nosso irmão arménio, considerado um dos maiores missionários pregadores do Próximo Oriente. Possuidor duma palavra inflamada, cheia de calor, entusiástica, viva, contagiante, torna-se mensageiro notável da Palavra de Deus.

Não entra em profundidades teológicas. Expõe o Evangelho duma forma simples, clara, dirigida directamente à sensibilidade do povo que sofre e espera. Assim se compreende que verdadeiras multidões o oíçam, presas pela sua voz fluente, agradável, dum sentimentalismo bem intencionado.

Nas reuniões a que assistimos, umas na Catedral de S. Paulo, da Igreja Lusitana, outras num vasto salão de 2.500 pessoas e que durante 20 dias se encheu completamente, várias pessoas se levantaram declarando querer seguir o Mestre dos mestres. Então os conselheiros, espalhados pela sala, tomavam conta dos interessados, para os orientar e encaminhar para as diversas igrejas. Contam-se por mais de mil os que se manifestaram.

Publicações recebidas

«*A colaboração da mulher na revelação divina*» por Eduardo Moreira e Jorge César Mota, edição dos autores — 1963.

É de todos sobejamente conhecido que há «prosa» que é verdadeira poesia e há «poesia» que é verdadeiramente prosa. A poesia é uma maneira especial da alma se comunicar através uma forma de expressão universal, é uma manifestação pura da vida num sentido místico dentro dum aspecto que lhe é próprio, «sui generis». Mas as normas particulares não são absolutamente necessárias. Quantas vezes se usa a prosa, o discurso corrente das palavras sem regras nem medida própria, nas mais sublimes poesias! E o que é a poesia moderna senão a tendência cada vez maior para a libertação dos modelos obrigatórios?

O rev. Eduardo Moreira é um poeta nato. E quando escreve prosa ou fala, revela-se naturalmente o poeta que é. Este é o caso do livro que consideramos. «*A colaboração da mulher na revelação divina*», escrito em prosa pura sobre três das mulheres inspiradas da Bíblia, Débora, Ana e Maria, mas através a mais pura expressão poética. Nem podia ser de outra forma, visto que elas próprias se manifestaram cantando e proferiram os mais sublimes hinos da Bíblia, que Jorge César Mota traduz dando-lhes a forma natural poética, que se perde nas versões usuais.

«**ACÇÃO EPISCOPAL**» — órgão de divulgação, acção social e doutrinal. Director: rev. dr. Octacílio M. da Costa. Petrópolis. Estado do Rio — Brasil.

Foi com interesse especial que recebemos já os dois primeiros números deste jornal que pretende, e o realiza admiravelmente, ser um órgão de acção cristã de feição popular, segundo a concepção episcopal, ou melhor, segundo a doutrina da Igreja histórica que a si própria se chamou Católica e Apostólica.

Este jornal é de facto atraente pela variedade dos seus artigos, e oportunidade dos seus assuntos, informando e doutrinando ao mesmo tempo os seus leitores dos movimentos de ideias e factos da Igreja.

Subscrição para o Templo da Paróquia de Cristo Remidor - Alcácer do Sal

O templo está finalmente construído e foi dedicado ao serviço de Deus no dia 13 de Janeiro do corrente ano. Podemos pois descansar, perguntam os membros da Igreja Lusitana, quanto às dificuldades da sua construção? Infelizmente, não ainda. Basta dizer que a subscrição rendeu Esc. 226.738\$20 e o custo total, incluindo o mobiliário, foi além de Esc. 400.000\$00. Almas caridosas confiaram nas possibilidades da nossa Igreja e na Fé dos seus membros e empresaram-nos o que faltava. De maneira que a subscrição continua, esperando de todos aqueles que ainda não contribuíram, o favor de um donativo a fim de que breve possamos liquidar toda a dívida.

Subscrição:

Transporte	210.468\$20
Conselho Nacional das Igrejas do Canadá	13.270\$00
Joaquim de Pina Cabral (oferta do altar)	1.700\$00
D. Ana Pina Cabral (oferta do púlpito)	700\$00
Anónimo (entregue ao dr. L. P.)	300\$00
Alberto Joaquim Fonseca Rato	300\$00
	<hr/>
	226.738\$20

É director do jornal o rev. dr. Octacílio M. da Costa, bem conhecido dos membros da Igreja Lusitana pela visita feita por este distinto clérigo a Portugal no fim do ano passado.

Larga vida deseja o «Despertar» a este nosso prezado colega, na lida sacrossanta pelo Evangelho de Cristo.

Colação do rev. Saul de Sousa

Após o Ofício de Vésperas, no 4.º domingo do Advento, p. p., aniversário, pelo dia, da ordenação do rev. Saul de Sousa, foi este solenemente colado ministro da Paróquia de S. Mateus.

À cerimónia da Instituição do novo Pároco presidiu e pregou Sua Excelência Revma. D. Luís Pereira.

O Despertar felicita a Paróquia de S. Mateus e deseja ao rev. Saul de Sousa um ministério ricamente abençoado.

Alice Guida Cláudia de Sousa

Ao entrar o nosso jornal na máquina, recebemos a triste notícia do falecimento desta nossa querida irmã, esposa dedicadíssima do rev. Josué de Sousa Jr. e sua valiosa colaboradora, e mãe do dr. Rui de Sousa, ausente na Suíça, e de Maria Helena de Sousa.

À família enlutada, o pesar de todos nós, ainda que com a esperança dum encontro futuro no Lar Celeste.